



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



ACADEMIA DE LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS

ALAC

23 DE OUTUBRO DE 1998

REVISTA CULTURAL



ALACULTURA

RIO DE JANEIRO
BERÇO DO LEONISMO NO BRASIL

16 DE ABRIL DE 1952

ANO XXV

Nº 45

AGOSTO 2023



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



ALACULTURA

REVISTA CULTURAL DA ALAC

ANO XXV Nº 45

RIO DE JANEIRO

AGOSTO 2023

SERVIR PELA CULTURA

DIRETORIA EXECUTIVA

2022/2023

Presidente: Luiz Augusto Lemos

Vice-Presidente: Selma Regina Conceição Aragão

Secretário: Olavo Divino Vieira

Secretário Adjunto: Maria da Glória Silva Rabello

Tesoureiro: Hélio Gomes das Chagas

Tesoureiro Adjunto: Izidoro de Hiroki Flumignam

Relações Públicas: Armênio Santiago Cardoso

Orador Oficial: Sérgio de Andréa Ferreira

Projeto – Digitação – Diagramação:

AC Luiz Augusto Lemos

DISTRIBUIÇÃO: Internet

REVISÃO: AC Luiz Augusto Lemos

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos respectivos Autores

PRESIDENTE DE HONRA: CaL Maria Luiza Fernandes Gomes

LEMA DA GOVERNADORA:

PARCERIAS PARA FORTALECER O SERVIR



O BEBÊ QUE NÃO FOI - AC Luis Paulo Vieira Braga – Cadeira nº 11

A vida de Hek

Em 1972, Hek crescia no útero de sua mãe, embora tudo corresse bem do lado de fora não era desejado e sequer seu pai ansiava pelo seu nascimento. Um dia tudo escureceu e o rumo da vida de Hek mudou radicalmente. O feto saudável, abortado forçadamente é o primeiro utilizado in vitro¹ para pesquisas, já que as ocorrências anteriores foram com fetos oriundos de problemas médicos sérios². Hek mudou de nome para HEK293, e tornou-se uma linhagem celular de rins humanos para pesquisas biológicas, como a produção de vacinas, por exemplo. A sigla é o acrônimo para Human Embryo Kidney. Uma simples consulta à base de periódicos da CAPES com este acrônimo resulta em milhares de pesquisas publicadas com a sua utilização. O sucesso das vacinas baseadas em linhagens celulares de embriões expandiu-se e ficou associado aos abortos de embriões saudáveis, os preferidos dos laboratórios, o que aumentou o dilema ético e moral da sua utilização³.

O mal do aborto

O uso de embriões humanos saudáveis abortados intencionalmente veio à baila novamente com a oferta de vacinas contra a COVID-19. A Conferência de Bispos Católicos dos Estados Unidos (USCCB) emitiu uma nota separada aos católicos americanos na semana passada, afirmando que as vacinas Pfizer-BioNTech e Moderna têm uma conexão “remota” com o “mal do aborto”, uma vez que essas vacinas empregam linhagens de células retiradas de tecido obtido de dois abortos que ocorreram nas décadas de 1960 e 1970 e que muitas vezes foram replicados desde então. “No entanto, a vacina AstraZeneca é mais moralmente comprometida porque a linha celular HEK293 foi usada nas etapas de design, desenvolvimento e produção dessa vacina”, disse o grupo dos EUA⁴.

A posição inócua do Vaticano

Em atenção ao desconforto dos católicos diante do dilema em tomar ou não uma vacina obtida por uma prática condenada pela Igreja, a Congregação para a Doutrina da Fé emitiu uma nota⁵ que orienta os fiéis nesta delicada questão. Nela destacam-se três pontos - libera os católicos para tomar vacinas obtidas com uso de células de fetos abortados; considera que a vacinação não deva ser obrigatória, mas que neste caso o fiel deve



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



assumir responsabilidades; conclama pesquisadores e indústria farmacêutica a buscar soluções morais para a imunização.

A espiral da coisificação

A moral é cada vez mais pautada pela utilidade e menos pelos princípios. O ocaso das religiões tem contribuído para isto, uma moral ditada por regras muitas vezes abstratas substitui as questões de fé que arrebatavam os fiéis. O uso de fetos abortados por má formação foi incorporado às práticas médicas, depois foi a vez dos fetos normais, abortados por conveniência social ou econômica, autorizado pelo estado. Em seguida, o aborto passa a ser política de estado. A China é o maior exemplo disto na história da humanidade, com a famosa política do filho único, que teve como consequência colateral o aborto clandestino de bebês do sexo feminino, o que gerou um déficit de mulheres na China. Concomitante ao aborto, o transplante de órgãos trouxe esperança a pacientes terminais, presos a aparelhos de manutenção das funções vitais. Assim como as vacinas testadas e produzidas a partir de fetos abortados, o transplante de órgãos tornou-se um grande negócio, coincidentemente capitaneado pela China⁶. O desprendimento dos primeiros doadores e seus familiares cedeu lugar à colheita compulsória de órgãos de prisioneiros e sua consequente venda no mercado mundial de receptores de órgãos.

A Opressão do Poder

A agressão à vida, respaldada pelo Estado e seus dirigentes, atinge níveis inimagináveis na história da humanidade, é em Sêneca nas suas memoráveis Epístolas que vamos encontrar a descrição perfeita aonde atualmente se encontra a humanidade.

Os temores são, se não me engano, de três classes: tememos a escassez, tememos a doença, tememos os males causados pela violência dos mais poderosos. Destas três nenhuma nos impressiona tanto como a ameaça do poder alheio; já que se apresenta com grande estrépito e perturbação. Os infortúnios naturais que mencionei, a escassez e a doença, infiltram-se em silêncio, não transmitem terror pelos olhos, nem pelos ouvidos: a aparência que se depreende da outra calamidade é enorme; em seu cortejo leva o ferro e o fogo, as correntes e uma porção de feras ávidas pela carne humana. Num momento como este pensa na cruz, no estiramento, no gancho, na estaca que atravessa a vítima e sai pela sua boca e nos membros despedaçados pelo esquarteramento. ⁷



Suportemos com sobriedade as contrariedades do destino

É ainda no grande filósofo que vamos encontrar não a saída para esses males, mas a atitude que o homem sábio deve adotar.

Todos se apresentam diante de uma prova com mais firmeza se estão preparados há mais tempo, e resistem aos mais difíceis desafios se tiverem meditado sobre eles de antemão; ao contrário, o imprevidente se surpreende mesmo com o que há de mais insignificante. Devemos nos esforçar de modo que nada nos pegue de improviso; posto que os infortúnios mais penosos são os inesperados, a reflexão permanente evitará que seja um novato perante qualquer desgraça. ⁸

Notas

1. https://wayback.archive-it.org/7993/20170404095417/https://www.fda.gov/ohrms/dockets/ac/01/transcripts/3750t1_01.pdf
2. https://catalog.coriell.org/0/Sections/Search/Sample_Detail.aspx?Ref=AG06814-J&Product=CC
https://catalog.coriell.org/0/Sections/Search/Sample_Detail.aspx?Ref=AG05965-D&Product=CC
3. <https://doi.org/10.5840/ncbq20066329>
4. <https://www.conexaopolitica.com.br/ultimas/2020/12/21/vaticano-declara-que-vacinas-contr-a-covid-19-com-base-em-pesquisas-que-usaram-tecido-fetal-de-abortos-e-moralmente-aceitavel-para-fieis/>
5. <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-12/congregacao-doutrina-fe-vacina-anti-covid.html>
6. [Update on Medical Genocide: China Continues Transplant Abuse Despite Claims of Reform](#)
7. Epístolas Morais a Luciulus, Sêneca, Livro II, epístola 14, Trad. Ismael Roca Meliá, EDITORIAL CREDOS, S. A. Sánchez Pacheco, 8 1, Madrid. España, 1986
8. Epístolas Morais a Luciulus, Sêneca, Livro XVII, epístola 107, Trad. Ismael Roca Meliá, EDITORIAL CREDOS, S. A. Sánchez Pacheco, 8 1, Madrid. España, 1986



AS REDES SOCIAIS ERAM A MINHA DROGA DURA

Um testemunho: do vício à reabilitação

Depois de ter passado oito anos a vaguear pela Internet e pelas redes sociais, posso afirmar, com toda a certeza, que o tempo despendido na rede é um desperdício existencial gigantesco. Trata-se de uma fuga, de uma ilusão, de uma droga em tudo semelhante à heroína ou ao álcool. Como todos sabem, as redes sociais alimentam-se da nossa necessidade de sermos reconhecidos e de existirmos em termos sociais. Estranhamente, a Internet abre-nos as portas do mundo inteiro, mas pode aumentar o nosso isolamento em relação aos que nos rodeiam. Uma prática que, em doses elevadas, chega mesmo a alterar a estrutura do pensamento.

É claro que não estou a falar da Internet que nos permite obter informação de forma rápida, reservar um bilhete de comboio, gerir as nossas contas à distância, ou mesmo comprar os presentes de Natal, pois esta Internet é tão positiva e revolucionária como a invenção da imprensa ou a existência de água canalizada. A minha objeção prende-se com a Internet social, um monstro que suga o nosso tempo, e que semeia a nossa vida de vazio e tédio.

Tenho 42 anos de idade, sou casado e tenho dois filhos. Sou escritor, produtor e apresentador de programas de televisão. Tudo isto deveria ser suficiente para preencher o meu quotidiano, e eu deveria consagrar a totalidade do pouco tempo livre que tenho àqueles que amo e que são importantes para mim. Deveria... Contudo, não o faço, pois passo mais de seis horas por dia na Net. Na realidade, são bem mais de seis horas, pois não se trata de um tempo que eu possa controlar, ou até diminuir, como se fosse um passatempo. Uma vez que o tempo passado na rede é um verdadeiro vício, essas horas acabam por interferir com todos os minutos e pensamentos do meu dia.

Mentalmente, estou ligado à rede a toda a hora e em todo o lado. Estou também ligado aos outros através do telefone, do computador, do iPad e até da televisão. Vivo obcecado com tudo o que se passa, com tudo o que é dito, e quero estar sempre em linha.

Desde o aparecimento das ferramentas de publicação fácil — blogues e Facebook, entre outros — que os seguidores das redes sociais partilham tudo o que leem, o que ouvem, o que comem, com quem se encontram, e o que dizem uns aos outros. Essas ferramentas são como um arquivo ilimitado das nossas ações.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Quando estou diante de um lago, em vez de o contemplar, fotografo-o e faço uma postagem no Instagram. Quando estou diante de uma situação cômica, não me divirto, pois a minha preocupação é relatá-la no Twitter. Se vivencio um momento excepcional, partilho-o com o maior número de pessoas possível. Em vez de o guardar para mim, de o interiorizar, disperso-o, como se faz com as peças de um puzzle. Assim sendo, tudo o que experimento se transforma num pretexto para postar e comunicar.

Entretanto, a minha filha, que está a colorir um desenho, tem estado a tentar falar comigo; o meu filho, que está a construir uma torre de Lego, gostaria de partilhar comigo essa façanha, e ignoro se a minha mulher tentou, por sua vez, dizer-me alguma coisa. A verdade é que tenho o nariz metido no meu MacBook e estou a tentar ver se as pessoas falam de mim, se me respondem, se leem o artigo que escrevi, ou se se riem dos meus comentários engraçados. Eu, eu, eu...

Como é que cheguei ao ponto de mostrar aos meus entes queridos que o tempo passado no Twitter ou no Instagram é mais interessante do que o tempo passado com eles?

O que será esta magia negra que me faz esquecer o outro, aquele que está perto, e me faz preferir o distante, o estranho que “gosta” de mim, me segue, me lê, e me responde de um lugar do qual nada sei? Eis algo de profundamente ilógico e absurdo.

A verdade é que, por cada uma das nossas ações digitais, recebemos o equivalente a uma dose de cocaína, uma porção do reconhecimento global que tão avidamente procuramos, a confirmação de que existimos, de que somos amados e apreciados.

Tal como acontece com os milhões de pessoas ligadas à rede, passo muito tempo a partilhar, a interagir, a responder e a reencaminhar, numa tentativa de dizer aos outros que podem contar com a minha presença e amizade. Em troca, peço comentários, respostas, mensagens, e uma certa dose de consideração que me tranquiliza e me impede de pensar na insignificância da minha existência. As redes sociais são um universo artificial no seio do qual achamos que somos alguém.

A dispersão mental

Pela primeira vez na história da humanidade, cada um de nós pode aceder ao mundo inteiro em tempo real e através de imagens. Mas será que o nosso cérebro está preparado para esta sobrecarga de informação e emoções? Quais serão as consequências desta mudança? O meu corpo diz-me que não são boas.



E se o tempo que passamos na rede for o maior desperdício de tempo que alguma vez imaginamos? E se ele for uma droga superior a qualquer forma de ópio que a humanidade já conheceu? É que a Internet não só nos mantém ocupados como também nos dá esperança (todos podem ter os seus 15 minutos de fama), um espaço para desabafar (finalmente, as pessoas ouvem o que tenho a dizer), o sentimento de que somos apreciados e, acima de tudo, a Internet dá às pessoas ociosas a impressão de estarem ocupadas.

Mas, afinal de contas, não passa, muitas vezes, uma ilusão, de uma cortina de fumo.

O essencial está no mundo real, nos cheiros, nas cores, nos olhares, nas mãos, na textura da casca de uma árvore e nas ondas das ondas do mar.

Um beco perigoso

Algumas pessoas irão, decerto, sorrir quando lerem esta revelação, mas, no que me diz respeito, trata-se de algo que me preocupa. Porque este modo de vida, esta imersão na tecnologia digital, é o mundo para o qual os meus filhos estão a dirigir-se. Um mundo digital, móvel, pontilhado de ecrãs transparentes, reconhecimento de voz, disponibilidade imediata de informação e serviços, e trocas de mensagens curtas e convenientes. Não quero deixá-los sozinhos neste beco digital, porque acabo de vir de lá, e sei que o vício é poderoso e perigoso. Sei também que se trata de uma tecnologia que talvez venha a dar origem a um fenómeno muito grave de ilusão, de dependência, e de egoísmo e indiferença em relação àqueles que nos rodeiam. Como todos os pais, tenho medo de que os meus filhos se droguem.



Cyrille de Lasteyrie



ENTRADAS E BANDEIRAS

Desde a chegada dos portugueses ao Brasil, em 1500, buscava-se metais preciosos. Como não foram encontrados no primeiro momento da colonização, a **Coroa portuguesa decidiu investir na produção de açúcar**, que era um produto valorizado no mercado externo. O litoral brasileiro tinha solo fértil e clima favorável para o plantio da cana-de-açúcar, e, a partir do século XVI, os engenhos se espalharam pelo litoral.

As “**Entradas e Bandeiras**” foram expedições de desbravamento com finalidades estratégicas e econômicas, realizadas pelo interior do Brasil Colônia entre os séculos XVI e XVIII. As incursões garantiram a expansão e conquista do território brasileiro.

Por tratar-se de organizações civis, essas expedições nem sempre estavam vinculadas aos interesses da Coroa Portuguesa, mas sim, aos interesses de seus financiadores.

Atribuiu-se o nome de Entradas, genericamente, às expedições predominantemente financiadas pela Coroa Portuguesa. O nome Bandeira, que provavelmente tem origem no costume tupiniquim de se levantar uma bandeira em sinal de guerra, é atribuído às expedições predominantemente financiadas por membros da sociedade civil; especialmente às que partiram de São Paulo.

As Entradas e as Bandeiras estão diretamente relacionadas com a escravização do índio, elemento fundamental para os planos de colonização do território brasileiro.

A expansão territorial das possessões portuguesas, ultrapassando os limites estabelecidos no Tratado de Tordesilhas, não foi planejada pela Coroa Portuguesa; por força das circunstâncias foi consequência da caça aos índios e da busca de minérios a que se dedicavam as Bandeiras paulistas.

1- As Entradas

Fundação da cidade de São Paulo



As Entradas foram organizadas e financiadas pela Coroa Portuguesa. Iniciaram no norte e nordeste do país, com o objetivo de explorar o território, mapear e criar currais de criação de gado e roçados para agricultura acessória e colonizar o interior.

Depois, as incursões passaram a ter os mais variados objetivos como: conquista de territórios ocupados por índios; captura de índios para o trabalho escravo nas lavouras;



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



prospecção de minérios e pedras preciosas; reconhecimento das drogas do sertão e captura de negros escravos fugitivos, entre outros.

A necessidade de mão de obra para as lavouras e a possibilidade de obtenção de riqueza, com a descoberta de minérios e pedras preciosas, eram as motivações principais dos sertanistas. Além disso, também buscavam a obtenção de títulos, honras e benefícios, como prêmios pelos serviços prestados à Coroa.

O colonizador do Brasil, diante da necessidade de mão de obra para tornar a colônia produtiva e geradora de riquezas, optou, inicialmente, pela escravização do índio; mas a ideia, difundida por vários autores, de que os índios eram vítimas indefesas, não corresponde à realidade. As constantes guerras intertribais foram usadas pelos colonos portugueses no estabelecimento de alianças favoráveis às duas partes. Os índios amigos viam, nos colonos, aliados poderosos que os ajudavam contra seus inimigos. O colonizador português, por sua vez, obtinha a mão de obra necessária e exércitos aliados poderosos para a ocupação do território. Dessa forma, várias Entradas pelo sertão foram realizadas, para apresamento e escravização de índios.

Quando os portugueses iniciaram a monocultura de cana de açúcar, nas regiões norte e nordeste da colônia, logo perceberam que a mão de obra indígena não apresentava os resultados desejados. Além disso, interesses comerciais internacionais pressionaram a Coroa Portuguesa a desistir dos escravos indígenas, substituindo-os por escravos africanos, ocasião em que as Entradas para o sertão diminuíram naquelas regiões.

Principais Entradas:

| Data | Capitão | Realização |
|------|-------------------------------|---|
| 1503 | Gonçalo Coelho/A. Vespúcio | Descobriu a Ilha de Fernando Noronha |
| 1504 | Gonçalo Coelho/A. Vespúcio | Descobriu Cabo Frio e a protegeu de piratas |
| 1518 | Belchior Dias Moreira | Procurou em vão metal precioso em Sergipe |
| 1530 | Martim Afonso de Souza | Combateu piratas franceses/contrabandistas |
| 1532 | Martim Afonso de Souza | Fundou São Vicente |
| 1553 | Brás Cubas e Antônio Oliveira | Fundou Vila de Santo André - Porto Seguro |
| 1554 | José Anchieta/Manoel Nóbrega | Fundaram a Vila de São Paulo de Piratininga |



2. As Bandeiras



As “**Bandeiras**” foram as responsáveis pela expansão do território brasileiro, uma vez que não respeitavam os limites impostos pelo Tratado de Tordesilhas e invadiam o território espanhol. Por esse motivo, elas não eram patrocinadas oficialmente pela Coroa portuguesa e seus custos eram financiados por empreendedores particulares.

Geralmente, a composição das Bandeiras se dava por um grupo minoritário de brancos (brasileiros e portugueses) e um grande contingente de mestiços e indígenas, quase sempre escravizados. A Coroa portuguesa ficava dividida, porque considerava os índios como súditos, fato que tornava moralmente inaceitável escravizá-los; mas a realidade ditava-lhe essa necessidade.

Os recursos provenientes da produção açucareira, para ser lucrativa, exigia grande quantidade mão de obra escrava. Como no Brasil havia grande possibilidade de utilizar o indígena, e os senhores de engenho não dispunham de recursos suficientes para importar africanos, a melhor opção era mesmo usá-la.

Em 1570, a Coroa Portuguesa proibiu a caça aos índios, mas não coibiu a escravidão.

A Carta Régia impunha que os índios só poderiam ser apreendidos e escravizados nas chamadas Guerras Justas, que só podiam ser decretadas pelo Rei. A determinação caiu como uma bomba sobre a cabeça dos paulistas, que em 1585 apresentaram um longo requerimento ao capitão-mor da província, Jerônimo Leitão, onde pediam autorização para iniciar guerra contra os índios Carijós.

Pressionado pelos paulistas, mas sem poder desacatar a determinação real, Jerônimo Leitão autorizou a formação de uma Bandeira, não para caçar índios, mas para persuadi-los, por vias pacíficas, a se tornarem escravos. Mas o texto fazia uma observação absurda, pois criava a possibilidade de que índios selvagens, que viviam livremente em suas aldeias, distantes da vila, pudessem desejar se tornarem escravos. Porém, se eles não desejassem, o capitão da Bandeira estava autorizado a adotar as medidas que julgasse necessárias para “convencê-los”.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Os paulistas, movidos pela necessidade de conseguir mão de obra barata, continuaram organizando Bandeiras de caça aos índios. Com o passar dos anos, tornaram-se hábeis guerreiros, conhecedores das matas. Percorreram longas distâncias e fundaram povoados que depois viraram cidades.

Era algo improvável os bandeirantes convencerem índios selvagens a se tornarem escravos, o mesmo não ocorria para com os índios domesticados pela Companhia de Jesus. Acostumados ao trabalho junto aos jesuítas, e submetidos à rígida disciplina cristã, os índios a serviço dos padres tornaram-se presas fáceis dos bandeirantes, que não necessitavam empreender muitos esforços para convencê-los a servir outro senhor. O alvo das Bandeiras passou a ser as missões jesuíticas distantes da Vila de São Paulo, mas os padres do planalto tomaram as dores de seus colegas e começaram a excomungar os bandeirantes.

Os habitantes de São Paulo ficaram do lado dos bandeirantes e também começaram a ser excomungados. Os atritos terminaram com a expulsão dos jesuítas de São Paulo, em 13 de julho de 1640, e as Bandeiras de caça aos índios continuaram. A expulsão dos jesuítas demonstra que, desde aquela época, havia total desinteresse pelo tema Educação.

As Bandeiras podiam ir desde um pequeno grupo de desbravadores, até milhares de indivíduos, especialmente nativos, os quais eram responsáveis pela agricultura de subsistência, além de combater, guiar e vigiar. Esse tipo de expedição se tornou mais comum após o fim da União Ibérica (1640) e da expulsão dos holandeses do Brasil (1654). Com a crise da produção açucareira no Nordeste, os colonos passaram a investir nas expedições sertanistas para conhecer o interior da colônia e explorar suas riquezas. Os bandeirantes foram os responsáveis pela abertura das primeiras estradas que saíram da vila de São Paulo de Piratininga em direção ao interior.

Desde o início houve uma organização que ajudou no êxito das expedições. Dom Francisco de Sousa, sétimo Governador-geral do Brasil, pode ser considerado o precursor das Bandeiras, pois foi um grande entusiasta da exploração do interior do país. Ele vislumbrou em São Paulo um ponto estratégico de partida e foi o responsável para dotar as Bandeiras de uma formação organizada hierarquicamente, com cunho militar. O interesse e a disposição dos habitantes aumentavam sua sede por novos horizontes; é



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



quando surgem novas lideranças na Vila e nas empreitadas, a exemplo de Antônio Raposo Tavares.

A caça incessante aos índios se desenrolava sob a oposição ferrenha dos jesuítas, que protegiam os gentios. Em vão, pois as bandeiras chegaram ao Paraná e a Santa Catarina, ao Rio Grande do Sul, à Argentina e ao Paraguai, ao Mato Grosso do Sul e a Goiás. Somente com a mão de obra indígena é que Piratininga poderia sobreviver, criando gado e cultivando feijão, mandioca e o trigo, principal produto agrícola da região no século XVI. O cereal era exportado e assim elevava consideravelmente o erário da Vila. Com o dinheiro do trigo, novas culturas foram introduzidas, como a cana-de-açúcar.

Pela primeira vez, São Paulo conseguia prosperar e sair do anonimato, recebendo sesmarias que oficializavam terras e donos, entre elas a do Ipiranga e de Pinheiros. Nesse ínterim, os jesuítas formaram “aldeamentos”, locais para catequizar e aclimatar os índios capturados. Cidades como Barueri e Guarulhos, em seus primórdios, eram locais desse tipo. Esses aldeamentos na verdade não eram bem aceitos pelos bandeirantes que precisavam pedir autorização aos jesuítas para levar os índios para a lavoura. Isso gerou grande tensão entre as partes, culminando na expulsão dos religiosos das terras do planalto, em 1640. A atividade de captura de índios era ilegal e, mais uma vez, a insubordinação dos paulistanos foi motivo de grande dor de cabeça para o Governador-geral.

Existiam 3 tipos de Bandeiras:

a. Bandeiras de Apresamento ou Preação

Separada do litoral pela muralha da Serra do Mar, São Paulo voltava-se para o sertão, cuja penetração era facilitada pela presença do rio Tietê e de seus afluentes que comunicavam os paulistas com o distante interior. Além disso, apesar de afastada dos principais centros mercantis, sua população crescera muito, devido à migração de habitantes de São Vicente, causada pela decadência dos canaviais plantados no litoral por Martim Afonso de Souza, fato que arruinou muitos fazendeiros.

Ligados a uma cultura de subsistência baseada no trabalho escravo dos índios, os paulistas começaram suas expedições de apresamento (ou preação) em 1562, quando João Ramalho, em defesa de São Paulo, atacou os índios Tamoios que haviam assaltado a Vila no vale do Rio Paraíba do Sul.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Ocorre que, já no início do século XVII, o controle holandês sobre os mercados africanos, no período da ocupação do Nordeste, interrompeu o tráfico negreiro.

Os colonos voltaram-se então para a mão de obra indígena. Esse aumento da procura provocou uma elevação nos preços do escravo índio, que custava, em média, cinco vezes menos que os escravos africanos.

As bandeiras de apresamento ou Preação, tornaram-se uma atividade altamente rendosa, pois forneceram escravos para a região açucareira, percorreram o interior, alargando o território sob o domínio português, e detiveram a expansão espanhola representada pelos jesuítas. Para os paulistas, atacar as reduções jesuíticas era a via mais fácil para o enriquecimento. Passou a ser a verdadeira sobrevivência dos paulistas, pois reuniam milhares de índios adestrados na agricultura e nos trabalhos manuais.

a. Bandeiras de Prospecção



Em meados do século XVII, São Paulo começou a organizar Bandeiras cujo objetivo principal era descobrir minas de ouro, prata e pedras e metais preciosos, capturar índios para serem escravizados e foram as primeiras a encontrar ouro na região de Minas Gerais.

Por volta de 1677, Manoel Borba Gato e Garcia Rodrigues Paes Leme, remanescentes da Bandeira de Fernão Dias, encontram ouro nas proximidades do Rio das Velhas, onde hoje estão as cidades mineiras de Sabará e Lagoa Santa. Também descobriram ouro na Serra do Sabarabuçu e nos ribeirões do Carmo e do Tripuí.

Em 1698, o bandeirante Antônio Dias de Oliveira encontrou ouro e fundou a atual cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais. Mais tarde, personagens como Borba Gato, Manuel Preto, Domingos Jorge Velho, José Ortiz de Camargo, Pedro Vaz de Barros, entre tantos outros, mudaram os rumos da economia brasileira através de suas intrépidas viagens, tornando o Brasil, pela primeira vez, um grande atrativo para os europeus. Decorreu uma corrida desenfreada em busca do metal precioso, acelerando o desenvolvimento do interior, onde cidades foram estabelecidas, estradas foram abertas e o comércio interno cresceu muito. Mas, para a Vila de São Paulo de Piratininga, pouco mudou necessariamente; se mudou, foi para pior, pois uma praga nessa mesma época atacou os campos de trigo, fazendo com que seu principal produto ficasse arruinado. Ainda não seria



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



dessa vez que São Paulo iria florescer. Não foi o ouro descoberto por seus habitantes que fez São Paulo ser o que é hoje.

Por conta da descoberta do ouro, em 1720 a capitania de São Paulo foi dividida, criando-se a Capitania de Minas Gerais.

b. Bandeiras de Contrato



No período de 1675 a 1694, os paulistas começaram a ser contratados por proprietários rurais do norte e nordeste do país, e pela própria Coroa Portuguesa, para combater índios hostis, prender escravizados fugitivos e destruir quilombos.

Bandeiras paulistas destruíram, por contrato, a Confederação dos Cariris, no Ceará e no Rio Grande do Norte. Em 1675, Francisco Dias Velho fundou Florianópolis. Em 1694, a Bandeira de Domingos Jorge Velho, contratada pelo governador de Pernambuco, Caetano de Melo e Castro, destruiu o Quilombo dos Palmares, símbolo da resistência negra por mais de um século.

Partindo de São Vicente e São Paulo, estas expedições cruzavam a Serra do Mar e desciam os rios Tietê, Paraná e seus afluentes, em direção ao centro-oeste e sul do Brasil. Fatores como: objetivos, número de componentes, experiência do grupo, distância a percorrer, tempo de viagem e financiamento, eram variáveis determinantes da estrutura de uma expedição.

É possível dizer que, nas Bandeiras paulistas, seus integrantes eram quase todos mamelucos e índios que utilizavam, em larga escala, armas indígenas como: arco e flecha, borduna e zagaia. A alimentação era a ofertada pela floresta, obtida pela caça, pesca e coleta de frutas e raízes. Se a mão de obra africana acabou tomando o lugar da mão de obra indígena, nas grandes lavouras de cana-de-açúcar das regiões norte e nordeste da Colônia, o mesmo não ocorreu na vila de São Paulo de Piratininga. Fora do eixo econômico da colônia, São Paulo tinha uma população pobre, que praticava a lavoura de subsistência e não tinha condições de comprar escravos africanos. As miseráveis condições sociais que imperavam na vila de São Paulo motivaram os paulistas a continuarem adentrando o sertão em busca do índio. Mais tarde, passaram a buscar também, minérios e pedras preciosas.



Principais Bandeiras

| Ano | Bandeirante | Tipo | Realização |
|------|--|------------|--|
| 1553 | Brás Cubas e Antônio de Oliveira | Prospecção | Fundou a Vila de Santo André. |
| 1554 | Francisco Bruza Espinosa | Prospecção | Fundou a vila de Espinosa- MG. Identificou jazidas de sal mineral. |
| 1560 | Brás Cubas | Contrato | Percorreu de Santos ao Vale do São Francisco. Retornou a São Vicente |
| 1562 | João Ramalho | Preação | Defendeu São Paulo, atacado por índios Tamoios, na região do Rio Paraíba do Sul |
| 1611 | Marcos de Azevedo | Prospecção | Encontrou esmeralda no Espírito Santo |
| 1618 | Belchior Dias Moreira | Prospecção | Sertão de Sergipe. Alegou ter encontrado minas de prata. |
| 1628 | Antônio Raposo Tavares Manoel Preto | Preação | Desbravaram o sertão de Mato Grosso |
| 1638 | Fernão Dias Paes Leme | Prospecção | Integrou a Bandeira de Antônio Raposo Tavares. Devassou do Paraná ao Rio Grande do Sul |
| 1644 | Fernão Dias Paes Leme | Preação | Adentrou o Sertão Paulista. Eleito Juiz em 1651, reconciliou Jesuítas e Paulistas |
| 1661 | Fernão Dias Paes Leme | Preação | Escravizou 4.000 índios do Sertão do Paraná |
| 1673 | Manuel de Campos Bicudo | Prospecção | Desbravou os sertões do Mato Grosso. Encontrou pepitas de ouro. |
| 1675 | Francisco Dias Velho | Contrato | Fundou Florianópolis. |
| 1694 | Domingos Jorge Velho | Contrato | Destruiu Quilombo dos Palmares. |
| 1695 | Manuel Borba Gato | Prospecção | Descobriu ouro em Sabarabuçu, Minas Gerais |
| 1698 | Antônio Dias de Oliveira | Prospecção | Encontrou ouro em Minas Gerais. |
| 1722 | Bartolomeu Bueno da Silva | Prospecção | Encontrou ouro em Goiás. |
| 1727 | Bartolomeu Bueno da Silva | Prospecção | Fundou Goiás |



A Ocasião Faz o Ladrão

Errado o ditado popular que diz que a ocasião faz o ladrão. A ocasião faz o crime. O ladrão já nasce feito. É uma pessoa que não conquistou valores. Que tem desejos incontrolados. Que é escravo dos instintos. Coloca o poder na mão dele, vai fazer o quê? Ah! o poder corrompe. Que legal. É uma boa oportunidade de você terceirizar a culpa. Como uma pessoa vai imaginar, por exemplo, Deus sem poder, um Deus débil. E para que serve um Deus débil? Vocês percebem que o poder é o atributo por excelência de Deus? E que se nos aproximamos dele, ficamos cada vez mais poderosos, poderia poder ser, é poder fazer é poder construir. Agora, dependendo de quem está no volante, pode também poder não ser, destruir, violar. Depende de quem está no volante. Agora, é culpa do motorista ou do volante? Vocês já viram alguém multar o volante? Então o poder não corrompe. Poder é atributo divino por excelência. E o homem que cresce evidentemente se potencializa. Pode construir a si próprio e ao mundo, poder transformar é um fator de soma na sua vida e na dos demais. É um absurdo a gente dizer que o poder corrompe, porque isso nos faz débeis e uma sociedade só tem chance, quando os homens de bem têm a mesma audácia dos corruptos. Na Sede do Comando Vermelho, vocês sabem com que idade as crianças começam a trabalhar para o crime organizado? Sete, oito anos viram um aviãozinho para entregar droga. E é uma disciplina que tem que ter, uma eficiência fora do comum. Vocês vão perguntar, é horrível isso que fazem com as crianças? É essa eficiência que vão transformá-los em mais forte do que os adolescentes de classe média, que só sabe ficar na frente da televisão apertando o botão? Mais capazes de sobreviverem a uma situação dura? E vocês percebem que disciplina, eficiência, ordem, capacidade de se preponderar sobre as circunstâncias vai se fazendo com que esse grupo se potencialize? E a lei do menor esforço vai fazendo com que o outro se debilite? Observe que é importante a gente perceber que as virtudes podem ser utilizadas como meios para fins criminosos. Fato é que a máfia é altamente eficiente. Eficiência não é virtude? Utilizar para que? o problema é que os homens de bem estão sendo educados para serem débeis. Não terem organização, não terem determinação, não terem uma canalização de vida idealista. Onde você acha que você tem chance de ser mais rápida e eficientemente atendido? Se você procura uma pessoa que está vendendo uma droga ou se você procura uma pessoa que está atendendo, por exemplo, num serviço público. Existe alguma possibilidade de você comprar droga e o cidadão não lhe atender, por que ele está falando



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



no telefone com a namorada? Porque a gente está cada vez mais debilitando o bem e fortalecendo a corrupção moral. Quando você enfrentar esses dois grupos vai ser a maior tristeza. Entendem isso?

Tati Mandelli

Cora Coralina - Saber viver (1965)

Não sei...
se a vida é curta
ou longa demais para nós.
Mas sei que nada do que vivemos
tem sentido,
se não tocarmos o coração das pessoas.
Muitas vezes basta ser:
colo que acolhe,
braço que envolve,
palavra que conforta,
silêncio que respeita,
alegria que contagia,

lágrima que corre,
olhar que sacia,
amor que promove.
E isso não é coisa de outro mundo:
é o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela
não seja nem curta,
nem longa demais,
mas que seja intensa,
verdadeira e pura...
enquanto durar.

QUESTÃO DE HÁBITO

Uma senhora pega o táxi e indica a direção do Hotel onde está hospedada. O taxista, por incrível que pareça, não disse uma palavra durante todo o percurso, até que a senhora resolve fazer-lhe uma pergunta e tocou levemente em seu ombro. Ele gritou, perdeu o controle do carro e, por pouco, não provocou um enorme acidente. Com o carro sobre a calçada, a senhora, assustadíssima, virou-se para o taxista e disse:

- Você estava dirigindo tão bem, como é que pode quase ter um treco por conta de um simples toque no ombro?

Não me leve a mal, senhora, mas... É que esse é o meu primeiro dia como taxista.

- E o que o senhor fazia antes disso? Perguntou ela.

- Eu fui motorista de carro funerário por 25 anos.

Maria de Medeiros



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Um avião de passageiros Airbus 380 sobrevoava o Atlântico rumo ao seu destino. Era um voo muito calmo e estável a 800 Km/hora e 30.000 pés, quando foi subitamente interrompido pelo aparecimento de um caça euro fighter a quase 2.500 Km/hora.



O piloto do Caça desacelera, voa ao lado do Airbus e cumprimenta o piloto do avião de passageiros pelo rádio. Voo entediado? O piloto do Airbus responde perplexo: o quê? O piloto do caça sem aviso inverte o caça, acelera, realiza um leve mergulho, depois sobe, quebrando a barreira do som, continua a subir rapidamente em velocidade e altura vertiginosas, depois precipita-se de grande altura, em pronunciado voo descendente próximo ao nível do mar em um mergulho de tirar o fôlego. Ele diminui a velocidade, volta para o lado do Airbus e pergunta. Bem, o que você achou disso? o piloto do Airbus responde. Muito impressionante. Mas agora olhe você isto, o piloto do caça olha para o Airbus, mas nada acontece. O jato comercial continua voando reto e nivelado com a mesma velocidade e altitude. Depois de cinco minutos o piloto do Airbus diz no rádio: bem, o que você achou agora? O piloto do caça pergunta confuso: mas o que você fez? Então o piloto comercial ri e responde. Eu me levantei da cadeira, estiquei as pernas, fui ao banheiro no fundo do avião, tomei um café, comi um pãozinho de canela e fiz uma reserva para as próximas três noites no hotel de cinco estrelas, que é pago pelo meu empregador. Moral da história: quando você é jovem, velocidade e adrenalina parecem ótimas companhias, mas à medida que você envelhece e fica mais sábio, o conforto e a paz são muito mais importantes. Esse conceito é chamado em inglês de SOS, a sigla para *slower older smarter*, mais lento, mais velho, mais inteligente; e eu o dedico a todos os meus amigos, que estão cada vez mais próximos do SOS. Aproveite seu voo, lembrando que, às vezes, devagar você chega mais rápido, mais longe e melhor.

Daniel Brentano

Especialização em Produtividade, Gestão do Tempo e Propósito e Competências profissionais, emocionais e tecnológicas para tempos de mudança - PUCRS



História da Arte: definição, aspectos e períodos

A história da arte é vista como uma área do conhecimento que aborda as diversas manifestações artísticas do ser humano ao longo de sua trajetória no planeta.

Podemos dizer que tais manifestações se dão por meio da dança, música, teatro, artes visuais e outras expressões que têm a intenção de transmitir emoções, ideias e visões de mundo.

A arte está relacionada às primeiras formas de expressão humana e, dependendo do local e momento histórico, se manifestou de diferentes maneiras.

Importante ressaltar também que esse campo do saber está em constante construção, não sendo algo estático, mas sim arquitetado a todo momento pelas diversas demonstrações artísticas que surgem na sociedade.

Antropólogos e historiadores utilizam a arte como uma poderosa ferramenta para o entendimento dos povos, culturas e organizações sociais.

Para tornar seu estudo e compreensão mais acessíveis, a arte foi então organizada por períodos, movimentos e vertentes.

Veja como a história da arte - sobretudo ocidental - foi classificada.

Arte na Pré-história

A Vênus de Willendorf é uma estatueta da época paleolítica, datada de cerca de 28 mil anos a.C.

Ainda no período pré-histórico, ou seja, antes da invenção da escrita, o ser humano já produzia a arte pré-histórica.



Tudo o que sabemos sobre essas civilizações foi descoberto por pesquisadores através da análise de objetos e pinturas desses povos.

Esse período da humanidade foi bastante longo e, portanto, dividido em 3 fases: Paleolítico Inferior (500 mil a.C.); Paleolítico Superior (30 mil a.C.) e Neolítico (10 mil a.C.). Foi na época do Paleolítico Superior que se descobriu as primeiras expressões artísticas, como a arte rupestre das cavernas de Lascaux (França) e Altamira (Espanha).



Arte na Antiguidade



A escultura etrusca
Loba Capitolina foi feita em
torno dos séculos XI e XII
O tema é a criação de
Roma

A partir da invenção da escrita, temos a Antiguidade, que vai até as primeiras expressões da arte cristã. Nessa época, as civilizações eram bastante marcadas pela simbologia.

A partir da invenção da escrita, temos a Antiguidade, que vai até as primeiras expressões da arte cristã. Nessa época, as civilizações eram bastante marcadas pela simbologia.

Arte Medieval

Têmpera sobre madeira
Madonna and Child,
Barnaba da Modena (1308)



A arte medieval foi produzida durante a Idade Média, entre os séculos V e XV.

A arte medieval foi uma arte essencialmente religiosa, marcada pela construção de templos, igrejas, mosteiros e palácios. Ela se desenvolveu em um momento que a Igreja Católica influenciava, supervisionava e filtrava todas as produções científicas e culturais. Os dois estilos mais importantes do período medieval foram a arte românica e a arte gótica.

Arte Renascentista



O nascimento de Vênus
Pintura Renascentista
Sandro Botticelli (1483)

O Renascimento é compreendido como o período após da Idade Média. Despontou na Itália, no século XV e foi uma época de grande efervescência cultural, artística e intelectual.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



As obras produzidas nesse momento traduziam novos anseios e sentimentos.

O renascimento trazia a valorização e exaltação do ser humano (antropocentrismo), ao contrário do pensamento medieval, que enxergava Deus acima de tudo (teocentrismo).

Arte Pré-Colombiana

Exemplares de arte pré-colombiana expostos no Museu de Arte-Pré colombiana, no Chile.



A arte pré-colombiana é definida como a produção artística e cultural dos primeiros povos da América espanhola antes da chegada de Cristóvão Colombo no continente, em 1492. Consideram-se manifestações artísticas dos povos ameríndios as peças com funções religiosas ou decorativas, além de expressões arquitetônicas.

O estudo da arte pré-colombiana possibilitou classificar e distinguir os povos que viveram na América Latina e compreender suas culturas específicas e também de modo geral.

Arte na chamada "Idade Contemporânea"



A liberdade guiando o povo

Delacroix (1830)

Obra do romantismo ilustrando a Revolução de 1830, ocorrida na França

Compreende-se "Idade Contemporânea" a fase que começa com a Revolução Francesa (1789) e se estende até os nossos dias.

Os principais acontecimentos nesse período foram: Revolução Francesa, Primeira Guerra, Segunda Guerra e Guerra Fria.

As vertentes artísticas que fizeram parte desse contexto em um primeiro momento, são: Neoclassicismo; Romantismo; Realismo; Impressionismo.

<https://www.todamateria.com.br>



LUGAR CERTO



Um pai disse ao filho:- Você se formou de forma honrada, aqui está um carro que comprei há muitos anos. - Mas antes que eu o entregue, leve ao estacionamento de carros usados e ofereça-o!

O filho foi, quando retornou disse: - Eles me ofereceram R\$1.000,00, porque ele parece muito desgastado.

O pai então disse: - Leve-o à Loja de Penhores! O filho foi, retornou e disse:

- Eles ofereceram R\$100,00, disseram ser um carro muito velho!

O pai pediu para ele ir ao Clube de Carros e mostrá-lo. O filho então o fez.

Algum tempo depois voltou espantado e disse: - Algumas pessoas ofereceram mais de R\$100.000,00, disseram que é um Ford Maverick 1979, V8, carro desejado por muitos.

O pai então completou: - Eu queria que você soubesse que o lugar certo valoriza você da maneira certa.

- Se você não é valorizado, não sinta raiva. Você só está no lugar errado!

<https://www.facebook.com>

Fernando Pessoa (1888 – 1935)

Um dos mais importantes poetas da língua portuguesa, lembrado pela sua fértil produção e diversificada, através do uso de heterônimos como Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Impulsionador e figura central do Modernismo português, o seu contributo para a literatura universal tem um valor incalculável, tornando-o um dos autores mais celebrados.

“Às vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido.”



A HERANÇA E A PONTUAÇÃO...Um homem rico agonizava em seu leito de morte.

Pressentindo que o fim estava próximo, pediu papel e caneta e escreveu:

"Deixo meus bens a minha irmã não a meu sobrinho jamais será paga a conta do padeiro nada dou aos pobres."

Mas morreu antes de fazer a pontuação. Para quem o falecido deixou a sua fortuna?

Eram quatro concorrentes:

1. O sobrinho fez a seguinte pontuação:

Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho. Jamais será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.

2. A irmã chegou em seguida e pontuou assim:

Deixo meus bens à minha irmã. Não a meu sobrinho. Jamais será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.

3. O padeiro pediu cópia do original e puxou a brasa pra sardinha dele:

Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.

4. Aí chegaram os descamisados da cidade. Um deles, sabido, fez esta interpretação:

Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do padeiro? Nada! Dou aos pobres.

Moral da história:

"A vida pode ser interpretada e vivida de diversas maneiras. Nós é que fazemos a pontuação. E isso faz toda a diferença."

<https://www.recantodasletras.com.br/gramatica/3300458>

Mário Quintana – O Tempo - Seiscentos e Sessenta e Seis

A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são 6 horas...

Quando se vê, já é 6.^a feira...

Quando se vê, passaram 60 anos...

Agora, é tarde demais para ser reprovado...

**E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio.**

seguia sempre, sempre em frente ...

E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas.



A “TEORIA DAS JANELAS QUEBRADAS”

Diversas teorias e estudos já comprovaram que pequenas falhas podem levar a grandes violações, além de causarem desordem. Afinal, sabemos que um ambiente descuidado, com aspecto abandonado, estrutura sem reparos, grama alta e falta de iluminação, passam uma imagem de descuido e degradação. É aí que entra a “Teoria das Janelas Quebradas”, que explica que o reflexo da desorganização e falta de cuidados com um patrimônio são um convite à desordem, gerando prejuízos físicos e financeiros.

A “Teoria das Janelas Quebradas” foi desenvolvida em 1982 pelo cientista político **James Q. Wilson** e pelo psicólogo criminologista **George Kelling** – a partir do embasamento do experimento realizado pelo psicólogo **Philip Zimbardo**, da Universidade de Stanford – externando bases fundamentais na ideologia da chamada Escola de Chicago (Criminologia).

Publicaram, então, um estudo na Revista *Atlantic Monthly*, intitulado “Making neighborhoods Safe”, no qual estabelecia, pela primeira vez, uma relação de causalidade entre desordem e criminalidade.

Os idealizadores desse pensamento partiram da seguinte análise:

“Se apenas uma janela de um prédio fosse quebrada e não fosse imediatamente consertada, as pessoas que passassem pelo local e vissem que a janela não havia sido consertada concluiriam que ninguém se importava com isso, e que em um curto espaço de tempo todas as demais janelas também estariam quebradas, pois as pessoas começariam a jogar mais pedras para quebrar as demais janelas. Em pouco tempo, aquela comunidade seria levada à decadência. Abandonado, o local seria ocupado por pessoas viciadas, imprudentes e com tendências criminosas. A comunidade seria abandonada e tomada por desordeiros, e fatalmente seria fator de geração de delitos.





Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Nesse estudo, utilizaram os autores da imagem das janelas quebradas para explicar como a desordem e a criminalidade poderiam, aos poucos, infiltrar-se na comunidade, causando a sua decadência e a conseqüente queda da qualidade de vida. O estudo realizado por esses cientistas teve por base a experiência dos carros abandonados no Bronx e em Palo Alto.

Em suas conclusões, esses especialistas acreditam que, ampliando a análise situacional, se por exemplo uma janela de uma fábrica ou escritório fosse quebrada e não fosse, imediatamente, consertada, quem por ali passasse e se deparasse com a cena logo iria concluir que ninguém se importava com a situação e que naquela localidade não havia autoridade responsável pela manutenção da ordem.

A “Teoria das Janelas Quebradas” ou "Broken Windows Theory" é, portanto, um modelo norte-americano de política de segurança pública no enfrentamento e combate ao crime, tendo como visão fundamental a desordem como fator de elevação dos índices da criminalidade. Nesse sentido, apregoa tal teoria que, se não forem reprimidos, os pequenos delitos ou contravenções conduzem, inevitavelmente, a condutas criminosas mais graves, em vista do descaso estatal em punir os responsáveis pelos crimes menos graves. Torna-se necessária, então, a efetiva atuação estatal no combate à criminalidade, seja ela a microcriminalidade ou a macrocriminalidade.



Há alguns anos, a Universidade de Stanford (EUA), realizou uma interessante experiência de psicologia social. Deixou dois carros idênticos, da mesma marca, modelo e cor, abandonados na rua. Um no Bronx, zona pobre e conflituosa de Nova York e o outro em Palo Alto, zona rica e tranquila da Califórnia. Dois carros idênticos abandonados, dois



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



bairros com populações muito diferentes e uma equipe de especialistas em psicologia social, estudando as condutas das pessoas em cada local.

Resultado: o carro abandonado no Bronx começou a ser vandalizado em poucas horas. As rodas foram roubadas, depois o motor, os espelhos, o rádio, etc. Levaram tudo o que fosse aproveitável e aquilo que não puderam levar, destruíram. Contrariamente, o carro abandonado em Palo Alto manteve-se intacto.



A experiência não terminou aí. Quando o carro abandonado no Bronx já estava desfeito e o de Palo Alto estava há uma semana impecável, os pesquisadores quebraram um vidro do automóvel de Palo Alto. Resultado: logo a seguir foi desencadeado o mesmo processo ocorrido no Bronx. Roubo, violência e vandalismo reduziram o veículo à mesma situação daquele deixado no bairro pobre. Por que o vidro quebrado na viatura abandonada num bairro supostamente seguro foi capaz de desencadear todo um processo delituoso? Evidentemente, não foi devido à pobreza. Trata-se de algo que tem a ver com a **psicologia humana e com as relações sociais**.

Um vidro quebrado numa viatura abandonada transmite uma ideia de deterioração, de desinteresse, de despreocupação. Faz quebrar os códigos de convivência, faz supor que a lei se encontra ausente, que naquele lugar não existem normas ou regras. Um vidro quebrado induz ao "vale-tudo". Cada novo ataque depredador reafirma e multiplica essa ideia, até que a escalada de atos cada vez piores se torna incontrolável, desembocando numa violência irracional.

Baseada nessa experiência e em outras análogas, foi desenvolvida a "Teoria das Janelas Quebradas". Sua conclusão é que o delito é maior nas zonas onde o descuido, a sujeira,



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



a desordem e o maltrato são maiores. Se por alguma razão racha o vidro de uma janela de um edifício e ninguém o repara, muito rapidamente estarão quebrados todos os demais. Se uma comunidade exhibe sinais de deterioração, e esse fato parece não importar a ninguém, isso fatalmente será fator de geração de delitos.



Logo em seguida, as pessoas de bem deixariam aquela comunidade, relegando o bairro à mercê de gatunos e desordeiros, pois apenas pessoas desocupadas ou imprudentes se sentiriam à vontade para residir em uma rua cuja decadência se tornava evidente. Pequenas desordens, portanto, levariam a grandes desordens e, posteriormente, ao crime.

Da mesma forma, concluem os defensores da teoria, quando são cometidas "pequenas faltas" (estacionar em lugar proibido, exceder o limite de velocidade, passar com o sinal vermelho) e as mesmas não são sancionadas, logo começam as faltas maiores e os delitos cada vez mais graves. Se admitirmos atitudes violentas como algo normal no desenvolvimento das crianças, o padrão de desenvolvimento será de maior violência quando essas crianças se tornarem adultas.

A "Teoria das Janelas Quebradas" definiu um novo marco no estudo da criminalidade ao apontar que a relação de causalidade entre a criminalidade e outros fatores sociais, tais como a pobreza ou a "segregação racial" é menos importante do que a relação entre a desordem e a criminalidade. Não seriam somente fatores ambientais (mesológicos) ou pessoais (biológicos) que teriam influência na formação da personalidade criminoso, contrariando os estudos da criminologia clássica.

TOLERÂNCIA ZERO - No metrô de Nova York

No início da década de 1980, a criminalidade em várias áreas e cidades dos EUA – com Nova York no topo da lista - atingia níveis alarmantes, preocupando a população e as



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



autoridades americanas, principalmente os responsáveis pela segurança pública. Nesse diapasão, foi implementada uma Política Criminal de Tolerância Zero, que seguia os fundamentos da "Teoria das Janelas Quebradas".

As autoridades entendiam que, por exemplo, se os parques e outros espaços públicos deteriorados forem progressivamente abandonados pela administração pública e pela maioria dos moradores, esses mesmos espaços serão progressivamente ocupados por delinquentes.

A "Teoria das Janelas Quebradas", aplicada pela primeira vez em meados da década de 80 no metrô de Nova York, porque se havia convertido no ponto mais perigoso da cidade. Começou-se por combater as pequenas transgressões: lixo jogado no chão das estações, alcoolismo entre o público, evasões ao pagamento da passagem, pequenos roubos e desordens. Os resultados positivos foram rápidos e evidentes. Começando pelo pequeno, conseguiu-se fazer do metrô um lugar seguro.

Posteriormente, em 1994, Rudolph Giuliani, prefeito de Nova York, baseado na "Teoria das Janelas Quebradas" e na anterior experiência do metrô, deu impulso a uma política mais abrangente de **"tolerância zero"**.

A estratégia consistiu em criar comunidades limpas e ordenadas, não permitindo transgressões à lei e às normas de civilidade e convivência urbana. O resultado na prática foi uma enorme redução de todos os índices criminais da cidade de Nova York.

A expressão "tolerância zero" soa, a priori, como uma espécie de solução autoritária e repressiva. Se for aplicada de modo unilateral, pode facilmente ser usada como instrumento opressor pela autoridade fascista de plantão, tal como um ditador ou uma força policial dura. Mas seus defensores afirmam que o seu conceito principal é muito mais a prevenção e a promoção de condições sociais de segurança. Não se trata de linchar o delincente, mas sim de impedir a eclosão de processos criminais incontroláveis. O método preconiza claramente que aos abusos de autoridade da polícia e dos governantes também deve-se aplicar a tolerância zero. Ela não pode, em absoluto, restringir-se à massa popular. Não se trata, é preciso frisar, de tolerância zero em relação à pessoa que comete o delito, mas tolerância zero em relação ao próprio delito. Trata-se de criar comunidades limpas, ordenadas, respeitadas da lei e dos códigos básicos da convivência social humana.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



A tolerância zero e sua base filosófica, a “Teoria das Janelas Quebradas”, colocou Nova York na lista das metrópoles mundiais mais seguras. Talvez elas possam, também, não apenas explicar o que acontece aqui no Brasil em matéria de corrupção, impunidade, amoralidade, criminalidade, vandalismo, etc., mas se tornarem instrumento para a criação de uma sociedade melhor e mais segura para todos.

http://www.brasil247.com/pt/247/revista_oasis/116409/Janelas-

Olavo Bilac (1865 – 1918)

Ora direis ouvir estrelas
Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no
entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...
E conversamos toda a noite, enquanto
A Via Láctea, como um pálido aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em
pranto,

Inda as procuro pelo céu deserto.
Direis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão
contigo?”
E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de
entender estrelas.”

AS TRÊS PENEIRAS DE SÓCRATES

Um rapaz procurou **Sócrates** e lhe disse que precisava contar-lhe ALGO. Sócrates ergueu os olhos do livro que lia e perguntou?

- O que vai me contar já passou pelas três peneiras?

- Três peneiras?

- Sim. A primeira é a **VERDADE**.

- O que você quer contar dos outros é um fato? Caso tenha apenas ouvido contar, a coisa deve morrer por aí mesmo. Suponhamos então que seja verdade. Deve então passar pela Segunda peneira: a **BONDADE**.

- O que você vai contar é coisa boa? Ajuda a construir o caminho, a fama do próximo?

- Se o que você quer contar é verdade, é coisa boa, deverá passar ainda pela terceira peneira: a **NECESSIDADE**.

- Convém contar? É necessário contar? Resolve alguma coisa? Ajuda a comunidade? Pode melhorar o planeta?

- E arremata Sócrates:

- Se passar pelas três peneiras, conte! Tanto eu, você, seu irmão irá se beneficiar.

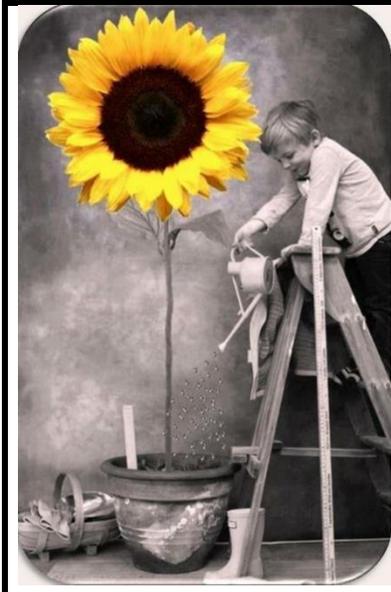
Caso contrário, esqueça e enterre tudo. Será uma fofoca a menos para envenenar o ambiente e levar discórdia entre irmãos, colegas, amigos...

DEVEMOS SER SEMPRE A ESTAÇÃO TERMINAL DE QUALQUER COMENTÁRIO INFELIZ!

Mary Alvarenga- Centro de Ensino e Pesquisa Urbano Rocha



OS GIRASSÓIS



A natureza tem destas coisas maravilhosas. Ainda ontem semeamos os girassóis e já hoje espreitam quase todos à janela do vaso. Apareceram pé ante pé, no mais completo silêncio... Será que cresceram melhor de noite?

Perguntam os meninos. Será que gostam da luz da lua? Ou será porque à noite há menos barulho?

Talvez os girassóis prefiram o silêncio para crescer devagar. Talvez sejam todos estes motivos, e mais alguns que desconhecemos, que fazem os girassóis crescerem e aparecerem, também silenciosamente, à janela do vaso. Girassóis a chamar a primavera, com saudade do verão, e a sonhar com o oriente, que para onde ficam viradas todos os girassóis, vá-se lá saber o porquê...

TERESA- @asasemlivros

QUESTÃO DE LÓGICA

Observe atentamente os números abaixo e descubra o próximo da sequência.

DICA: Escreva os números por extenso.

2, 12, 16, 17, 18, 19...

- A. 20
- B. 42
- C. 64
- D. 100
- E. 200

Resposta na última página.....



Questão da Rússia, Ucrânia e Crimeia

O território já integrou domínios como o Império Otomano e a Horda Dourada, além de ter se tornado um dos principais entrepostos comerciais europeus no século XIII. Os tártaros estabeleceram o Canato da Crimeia (estado tártaro) no oeste da península no período de 1441 - 1783, a partir do século XV, embora os períodos subsequentes tenham sido marcados pelo domínio do Império Otomano.

Em 1783, a imperatriz Catarina II anexou a Crimeia ao Império Russo e estabeleceu a sua base naval na cidade de Sevastopol, situada no sul da península onde, atualmente, existe a “Frota do Mar Negro”, como é denominada essa unidade estratégica de defesa da marinha russa.

No século XVIII, a expansão do território da Rússia fez surgir uma série de conflitos entre turcos e russos que se davam pelo controle do mar Negro e, por conseguinte, da península da Crimeia. As disputas perduraram até meados do século XIX, na batalha que ficou conhecida como Guerra da Crimeia (1853-1856), envolvendo outros territórios e Estados, como: França, Grã-Bretanha e Reino da Sardenha, que corresponde hoje à Itália.

A Crimeia foi declarada uma nação independente por um breve período, algo que decorreu no fim do Império Russo, em 1917. Entretanto, ela foi incorporada novamente à Rússia e, mais tarde, à União Soviética como uma república autônoma, adotando, em 1921, a denominação de República Autônoma Socialista Soviética da Crimeia.

Entre 1944 e o fim da Segunda Guerra Mundial, milhares de tártaros foram deportados da península sob a alegação de terem colaborado com os nazistas durante o conflito. Hoje, esse grupo constitui uma das minorias étnicas que vivem na Crimeia.

Outra medida implantada ainda após o final da Segunda Guerra foi a conversão da península em uma província, ou oblast, da então Federação Russa. Com isso, a Crimeia perdeu temporariamente a sua autonomia.

Em 1954, Nikita Krushev, líder da União Soviética, realizou a transferência da Crimeia para o território da Ucrânia em uma medida de caráter simbólico e estratégico simultaneamente, firmando os laços de amizade com a nação vizinha. É importante lembrar, entretanto, que a base naval russa permanecia instalada no sul da península.

O fim da União Soviética e a independência da Ucrânia, em 1991, reacenderam as tensões na região.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Em 1994, a assinatura do Memorando de Budapeste pela Ucrânia, Reino Unido, Estados Unidos e Rússia assegurou os limites territoriais da Ucrânia e, por conseguinte, garantiu a segurança daquele país. Além disso, o memorando formalizou a permanência da Crimeia no território ucraniano. Em contrapartida, a Ucrânia aderiu ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP).

Após se desligar da União Soviética, a Ucrânia foi sondada para se unir à OTAN, atualmente composta por 30 países, organização criada com o objetivo de garantir a liberdade e a segurança dos seus países-membros por meio de ações políticas e militares, principalmente contra a Rússia; no entanto, este fato não é admitido pelo atual presidente da Rússia.

Outro fator importante da crise foi a deposição do ex-presidente ucraniano Viktor Yanukovich, que governou o país de fevereiro de 2010 até fevereiro de 2014, tendo fugido para a Rússia, um ano depois.

O líder pró-Rússia foi derrubado pela chamada revolta de Maidan ocorrida em Kiev, contra sua decisão de recuar de um acordo que aproximaria o país de uma integração com a Europa. Em vez disso, o ex-presidente preferiu fortalecer os laços econômicos com Moscou. Em consequência, atendendo pedido de Kiev, a Interpol colocou Yanukovich na lista internacional de procurados sob a acusação de desvio de recursos e crimes financeiros. A Rússia, no entanto, recusou qualquer requisição para extraditá-lo.

Essa situação ocorreu no ano de 2014, portanto, o conflito entre os países advém de um passado não muito distante. Abrange aspectos étnico-culturais da população que vive na Crimeia, envolvendo questões históricas, geopolíticas, econômicas e culturais, devido à importância geoestratégica em áreas comerciais e militares, que a península apresenta para as nações e para a região como um todo.

A crise da Crimeia perdura até hoje, com a Ucrânia defendendo a posição de que essa região é parte de seu território, enquanto a Rússia argumenta que a anexação da Crimeia foi feita legalmente, apesar de ter sido realizada mediante um contestável plebiscito entre a população do país.

A agregação do território da Crimeia à Rússia, ocorrida em março de 2014, segue não sendo reconhecida pela Ucrânia e comunidade internacional, através da ONU, e continua gerando consequências político-militares.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Tratativas diplomáticas vêm sendo realizadas com a intermediação do Governo Turco para fazer cessar os ataques à população civil da Ucrânia para terminar esta cruel guerra entre Rússia e Ucrânia.



FALA DE VOCÊ

Hoje, se quiser, se puder, se souber, me fala de você. Da essência vestida com essa roupa de gente com a qual você se apresenta. Fala sobre as coisas que costumam fazer você sintonizar a frequência do seu riso mais gostoso.

Fala sobre os sonhos que mantêm o frescor, por mais antigos que sejam. Fale a partir daquilo em você que não desaprendeu o caminho das delícias. Do pedaço de doçura que não foi maculado. Da porção amorosa que saiu ilesa à própria indelicadeza e à alheia. A partir daquilo em você que continuou a acreditar na ternura, a se encantar e a se encantar e a se desprevenir, apesar de tantos apesares.

Hoje, me fala de você. Dos momentos em que a vida lhe doeu tanto que você achou que não iria aguentar. Fala das músicas que compõem a sua trilha sonora. Dos poemas que você poderia que você poderia ter escrito, de tanto que traduzem a sua alma.

Senta-se perto de mim e mesmo que estejamos rodeados por buzinas, gente apressada, perigos iminentes, faz de conta que a gente está conversando no quintal de casa, descascando uma laranja, os pés descalços, sem nenhum compromisso chato à nossa espera.

A gente já brincou tanto de faz-de-conta quando era criança, onde foi e que a gente esqueceu como se chega a esse lugar de inocência?

<https://www.Tumblr.com/register>



RELEMBRANDO TEMPOS DA INFÂNCIA



longe, longe, longe...
na tarde sem fim
íamos em bandos
brincar nos carvalhos
uns com os outros
tão plenamente.
os índios e os cowboys,
uns bons, outros bons
uns maus, outros maus

íamos com a infância
em chama
a alegria esplendorosa
de sermos crianças
e não sabemos nada
de conjugações passadas
condicionais ou
futuras.
longe, longe, longe...

Lídia Borges

SOLUÇÃO DA QUESTÃO DE LÓGICA DA PÁGINA 31:

Todos os números da sequência, escritos por extenso, começam com a letra D:

Dezesseis, Dezessete, Dezoito, Dezenove...

A resposta será o próximo número depois de 19, que escrito por extenso, começa com a letra D, ou seja, DUZENTOS...